

(*Middletown*) e a literatura sobre *communities*. Teve contacto com Elton Mayo, que o orientou no aprendizado das técnicas de entrevista, e com o antropólogo Conrad Arensberg, com quem discutiu métodos de pesquisa de campo. Lloyd Warner, autor de *Yankee city*, veio a ser seu orientador na Universidade de Chicago. Para a revisão do manuscrito, contou com as sugestões de Everett Huges. Como diz Gilberto Velho, na apresentação da edição brasileira, o livro “como produto final traz inevitavelmente as marcas de sua passagem e relações com alguns dos expoentes da Escola de Chicago dos anos 1940” (p. 12).

Outro aspecto importante diz respeito à atualidade do livro e sua pertinência para entender áreas pobres e o mundo popular no Brasil de hoje. O diagnóstico oferecido pelo autor contrapõe-se à imagem produzida pelo senso comum, que considera as áreas pobres exclusivamente um problema: degradadas, homogêneas, desorganizadas, caóticas e fora da lei, devendo necessariamente ser “ajudadas” uma vez que “abandonadas à sua própria sorte” nunca se desenvolverão. Vistas de dentro, e a partir do olhar arguto do cientista social, tem-se outra visão: tais localidades corresponderiam a áreas onde coexistem espaços e grupos locais diferenciados porém estruturados a partir de redes de relações sociais. A desorganização social não é, portanto, a tônica geral – o que não significa negar a existência do conflito entre os grupos. Foote White não tem, dessa forma, nem uma visão “miserabilista” nem populista dos pobres. O autor insiste na importância da sociabilidade que ocorre no espaço público do mundo popular, na “sociedade da esquina” para usar seu próprio linguajar. Pois é na esquina, no espaço informal, que as decisões são tomadas, que os grupos se estruturam e que as relações sociais se constroem e se destroem.

Que este livro sirva de “aviso” e inspiração a todos aqueles que queiram se lançar na aventura da observação participante.

**LICIA VALLADARES é professora de Sociologia da Universidade de Lille 1 e membro do Laboratório Clerse/CNRS. No Brasil é pesquisadora associada do IUPERJ.**

## ***Pistas da sociologia para um século atormentado***

Robert BRYM, John LIE, Cynthia Lins HAMLIN, Remo MUTZENBERG, Eliane Veras SOARES & Heraldo SOUTO MAIOR. *Sociologia: sua bússola para um novo mundo*. São Paulo, Thomson, 2006. 609 páginas.

*Ricardo Antunes*

Recentemente, o Conselho Nacional de Educação aprovou a volta do ensino de sociologia e filosofia para o ensino médio no Brasil. A decisão, auspiciosa, poderá possibilitar, em breve tempo, um estudo mais humanista e crítico que, de certo modo, contrasta com a razão instrumental que preside a sociabilidade contemporânea, na qual as chamadas “regras do mercado” têm tido cada vez mais prevalência, inclusive no âmbito educacional. Teremos, então, uma real retomada dos estudos de sociologia e filosofia em nossas escolas. O que nos obriga, nas universidades, a formar melhores sociólogos e filósofos.

Se já temos aqui publicado várias obras de muitos dos autores clássicos das ciências sociais, com boas edições e mesmo traduções, se já podemos consultar o denso *Dicionário do pensamento social do século XX* (organizado por William Outhwaite, Tom Bottomore *et al.*, publicado pela Jorge Zahar Editor), agora, em boa hora, podemos saudar este novo livro que acaba de ser publicado no Brasil. *Sociologia: sua bússola para um novo mundo* é um empreendimento intelectual de fôlego: em suas mais de seiscentas páginas, oferece um panorama abrangente, complexo e heterogêneo das incontáveis questões, desafios, dilemas e problemas nestes conturbados séculos, o XX que já se foi e o XXI que acaba de principiar.

Desde logo seus autores mostram que o projeto do livro, entretanto, tem claro contraste com as enciclopédias. Se estas ensinam *o que pensar* sobre tantos temas, este novo livro pretende demonstrar *como os sociólogos formulam suas questões e indagações* e, desse modo, possibilitar que as respostas sejam encontradas pelos leitores/as.

Embora seu desenho apresente a formatação de algum modo aparentada com as enciclopédias

(sumário, glossário, objetivos de cada capítulo, questões para a reflexão) acrescentam que a sua “[...] novidade refere-se ao espaço dedicado à demonstração de como os sociólogos pensam. Em diversas ocasiões damos exemplos anedóticos a fim de enfatizar a importância de um tema”. E acrescentam: “Também apresentamos interpretações conflitantes, para uma mesma questão e diversos dados que avaliam os méritos de cada uma. Não apenas nos referimos a tabelas e gráficos, mas os analisamos. Quando as evidências permitem, rejeitamos algumas teorias e corroboramos outras. Assim, muitas seções deste livro podem ser lidas não como verbetes de enciclopédia, mas como se fossem artigos de jornal, embora sociologicamente fundamentados. Se tudo isso lhe parece próximo ao que os sociólogos fazem em sua vida profissional, então teremos alcançado nosso objetivo: apresentar a prática sociológica de maneira menos asséptica, mais realista e, portanto, mais atraente” (p. 21). Mostrar, então, como se desenham os “mapas sociológicos” capazes de permitir uma melhor compreensão dos inúmeros dilemas que afligem o mundo atual é seu objetivo central.

Adaptação bastante alterada em relação à edição original em língua inglesa, essa *nova bússola*, organizada pelos professores Robert Brym (Toronto), John Lie (Berkeley), Cynthia Lins Hamlin, Remo Mutzenberg, Eliane Veras Soares e Heraldito Souto Maior (todos da Universidade Federal de Pernambuco), tem escopo abrangente. Se a edição original já denotava a preocupação em oferecer elementos de compreensão para uma gama quase infindável de problemas e temáticas, ainda que com o olhar voltado para o centro ou o norte do mundo, a edição brasileira, com a significativa contribuição dos sociólogos da UFPE, ampliou vários capítulos, itens, temáticas e olhares, acrescentando elementos analíticos que se mostraram imprescindíveis para uma melhor inteligência da experiência brasileira em seu ofício sociológico.

Concebido em cinco partes (“Fundamentos”, “Processos sociais básicos”, “Desigualdades”, “Instituições” e “Mudança social”), o temário é rico e diversificado, utilizando-se de vasta bibliografia, com forte ênfase na contemporaneidade. Os distintos caminhos da pesquisa, as diversas

teorias e metodologias presentes na teoria social, as questões da ciência e da experiência, da cultura, da socialização (infantil e adulta), das desigualdades, da raça e da etnicidade, da sexualidade e de gênero são apresentados e desenvolvidos. Ou, ainda, o estudo da economia e do trabalho, dos sindicatos e dos movimentos sociais, da política e da democracia, da família, da religião e da educação, da comunicação de massa, da urbanização, da população e do desenvolvimento, tudo isso está desenhado de modo criterioso, ao mesmo tempo introdutório e cuidadoso, embasado em bibliografia ampla e atualizada, em que a problemática é oferecida, e a resposta é um desafio para o/a leitor/a.

A cada item apresentado, seguem-se um *resumo*, *questões para reflexão* e um *glossário*, o que confere um sentido didático necessário. O tema do aborto, as discussões sobre as políticas sociais no Brasil atual, o tema da moda, do riso e do humor, das trocas simbólicas, das redes e das burocracias, das classes sociais, das elites e das estratificações, das marcas, da subjetividade, da ecologia, da globalização, do terrorismo, das guerras, da violência urbana, das tecnologias, enfim, uma gama amplíssima de temas e pontos são oferecidos, descortinando um cenário que pode ser mergulhado pelo estudante que quer melhor conhecer os problemas contemporâneos da sociologia.

Pode-se ilustrar o volume com o capítulo dedicado ao *trabalho*. Longe de uma uniformização, ou ainda de um dualismo quase binário, tão ao gosto dos teóricos do *fim* ou da *desconstrução do trabalho*, o *labor* aparece em sua dimensão contraditória, que cria mas também subordina, humaniza mas degrada, liberta e escraviza, emancipa mas é fonte de alienação e estranhamento. Percorrendo um pouco da história do trabalho e de sua literatura especializada, o texto interroga desde o início: o trabalho é momento de *salvação* ou percurso da *danação*? E oferece um bom panorama, tanto de algumas tendências empíricas, como de algumas das complexas questões teóricas que conformam essa problemática.

O mesmo ocorre no capítulo dedicado às *teorias da estratificação social*, tema nodal da sociologia. De Marx a Weber, passando pelo amplo debate contemporâneo, procura-se oferecer os contornos mais gerais da controvérsia, de mo-

do a municiar os/as leitores/as para que possam adquirir uma melhor compreensão do debate e, desse modo, exercitar a reflexão e a busca de respostas. A este ponto voltarei mais adiante.

O debate sobre o aborto, a questão do (des)armamento, são também elucidativos. Na trilha seguida pelo livro, apresentam-se os principais pontos da controvérsia deixando que as respostas sejam perseguidas pelos leitores/as.

A questão das cotas raciais nas universidades pode ser destacada como bom exemplo desse procedimento pedagógico: depois de uma longa exposição do capítulo denominado “Raça e etnicidade”, recuperando elementos das formulações de Morton, Lombroso, Gobineau, passando no Brasil pelos estudos de Nina Rodrigues, Sylvio Romero, Gilberto Freyre, Florestan Fernandes, enfrentando os contornos do debate contemporâneo sobre o dilema racial brasileiro, sobre o colonialismo e o mercado de trabalho (mais desigual e excludente em relação aos negros), o capítulo encerra-se com uma questão de grande importância e que está no centro do nosso debate atual: como se posicionar diante da política de cotas raciais na universidade brasileira? *Será um passo em direção à promoção de justiça ou uma espécie de racismo às avessas?* Após indicarem a polêmica, os autores apresentam, então, alguns dos elementos centrais, favoráveis e contrários, deixando que o leitor/a reflita e busque elementos para sua resposta.

Claro que numa obra dessa envergadura, amplitude e densidade, algumas lacunas aparecem. Menciono alguns exemplos emblemáticos: apesar das freqüentes remissões aos clássicos, o universo contemporâneo sai mais fortalecido em face da herança dos fundadores da sociologia e da teoria social. A *bússola* tem os ponteiros mais voltados para a sociologia contemporânea, o que, aliás, é antecipado no Prefácio do livro, quando os autores anunciam que “*as novas perspectivas e abordagens teóricas obrigam a transcender o referencial clássico dado pelo funcionalismo, o interacionismo simbólico e as teorias do conflito*”. Mas outros argumentarão que os clássicos ainda são a principal fonte (ou bússola) para se compreender as essencialidades presentes na modernidade.

Pode-se também exemplificar, uma vez mais, com o capítulo “Teorias da estratificação social”

que, partindo das referências iniciais feitas a Marx e Weber, remetem ao debate contemporâneo acerca do ressurgimento da análise das classes, via indicações de Erik Olin Wright e John Goldthorpe, o primeiro se reivindicando herdeiro de Marx e o segundo, na esteira de Weber. Pode-se acrescentar que o debate em torno da validação (ou infirmação) conceitual das classes sociais teve outras influências decisivas, como a influência *culturalista* inglesa de Thompson (mencionado no livro) e Raymond Williams, a crítica a *mercadorização* e a *feticização* do mundo feita pela Escola de Frankfurt (a partir do livro seminal *História e consciência de classe* do jovem Lukács), a problematização habermasiana presente em sua *Teoria da ação comunicativa*, bem como as críticas contemporâneas de P. Anderson (em relação a Thompson) e de István Mészáros (referida a Habermas), entre tantas outras. Mas isso talvez levasse o livro a uma dimensão por demais abrangente.

Na análise das instituições, poderia ter sido útil também a recorrência a Foucault e sua metáfora do *panóptico*. O sistema prisional (para não falar de seu prolongamento para as corporações ditas “modernas”) seria exemplo fértil para se perceber as distintas formas da dominação no universo microcômico.

Por fim, há também um tratamento relativamente tímido em relação à temática das revoluções e das tentativas de implantação do socialismo ao longo do século XX, experimentos quase todos derrotados (o que por si denota a necessidade de sua melhor compreensão). Das significativas contribuições de Marx, como sua crítica premonitória acerca da impossibilidade do *socialismo num só país* e à necessidade de pensá-lo como uma processualidade *histórico-mundial*, ao desencanto weberiano em relação ao burocratismo (soviético), bem como o significativo debate contemporâneo acerca das causalidades do desmoronamento do empreendimento desencadeado a partir de 1917, tudo isso poderia merecer um capítulo à parte. Vale mencionar, nestas pequenas sugestões, que Marx aparece como responsável pela “teoria do conflito”, quando seria mais apropriado apresentá-lo como um “teórico da contradição”.

Mas a envergadura, o escopo, a seriedade, o rigor e a atualidade fazem do livro *Sociologia: sua bússola para um mundo novo*, uma bela publica-

ção, justamente quando a sociologia volta com mais força a freqüentar nossas escolas.

**RICARDO ANTUNES é professor titular de Sociologia no IFCH/Unicamp.**

## ***Política e nação no drama moral da TV***

Esther HAMBURGER. *O Brasil antenado: a sociedade da novela*. Rio de Janeiro, Zahar, 2005. 193 páginas.

*Heloisa Buarque de Almeida*

Sempre intrigou aos pesquisadores estrangeiros no Brasil a particular história da televisão e a hegemonia da Rede Globo na cultura nacional. De modo semelhante a alguns outros países da América Latina, o Brasil teve na produção televisiva nacional seu ponto forte, ancorado nas narrativas seriadas melodramáticas que ainda predominam no horário nobre dos canais abertos. A presença da telenovela como formato cultural produzido aqui foi associada a uma menor importação direta de produtos culturais norte-americanos do que outros países periféricos.<sup>1</sup> Sua grande penetração na vida cotidiana é um fato sociocultural nacional que ainda merece reflexão. No âmbito de uma abordagem antropológica desta temática – que inclui, portanto, a pesquisa etnográfica sobre a produção desse modelo de narrativa – destaca-se o trabalho de Esther Hamburger. *O Brasil antenado* é uma adaptação de sua tese de doutorado, defendida em 1999 na Universidade de Chicago sob a orientação de Marshall Sahlins, intitulada *Política e intimidade na novela brasileira* (idéia retomada no capítulo de conclusão do livro). É exatamente dialogando com a imagem de pesquisadores estrangeiros sobre a novela brasileira que Hamburger constrói seus questionamentos. Se para os brasileiros parece coerente a relação entre novela e imagens de nação, a pesquisadora explora os vários aspectos até então pouco estudados e busca explicar como isso se dá, não por meio de conjecturas gerais muito comuns quando se fala e se escreve sobre essa temática, mas com base em pesquisa empírica, de coleta e interpretação de dados.

É possível interpretar o livro a partir de dois ângulos. De um lado, Hamburger delinea as formas particulares de interação entre a produção da novela e a sua audiência; e, de outro, reflete sobre os conteúdos de algumas novelas e como,